RESUMO

A imaginação e a fantasia são fundamentais para o pensamento criativo, e contar histórias é uma das formas de arte mais antigas ligadas à natureza humana. Esta pesquisa investigará a arte de narrar histórias como uma performance, enfatizando a importância do meio digital para influenciar a atuação do contador de histórias. Ademais, vale ressaltar que a narração em tempo real possui características do tempo presente, evidenciadas pela sincronia entre as ações do narrador e as reações dos ouvintes, permitindo uma interação recíproca. Durante a atuação do narrador, os contadores de histórias e os ouvintes compartilham experiências únicas em um momento de plena cumplicidade, algo que apenas a narração oral ou presencial pode proporcionar. A arte de contar histórias é considerada um exemplo para a construção de ambientes.

Palavras – chave: Contação de histórias. Narrador. Imaginação. Fantasia.

ABSTRACT
Imagination and fantasy are central to creative thinking, and storytelling is one of the oldest art forms linked to human nature. This research will investigate the art of storytelling as a performance, emphasizing the importance of the digital medium to influence the performance of the storyteller. Furthermore, it is worth mentioning that real-time narration has characteristics of the present time, evidenced by the synchrony between the narrator's actions and the listeners' reactions, allowing reciprocal interaction. During the narrator's performance, storytellers and listeners share unique experiences in a moment of full complicity, something that only oral or face-to-face narration can provide. The art of storytelling is considered an example for the construction of environments.

Keywords: Storytelling. Narrator. Imagination. Fantasy.

INTRODUÇÃO
Desde os primórdios da humanidade, contar histórias é uma das formas mais poderosas de comunicação. Antes mesmo da escrita, nossos antepassados se reuniam em torno do fogo para compartilhar narrativas que explicavam o mundo, transmitiam valores e preservavam memórias. Contar histórias é, portanto, uma arte ancestral, essencial para a construção da cultura, da identidade e das relações humanas.
A arte de narrar vai muito além de simplesmente relatar fatos. Ela envolve emoção, ritmo, intenção e conexão. Um bom contador de histórias sabe como envolver o ouvinte, despertar sua imaginação e tocar suas emoções. Seja por meio da literatura, do teatro, do cinema ou da oralidade, as histórias moldam nossa visão de mundo, ensinam, encantam e transformam.
Neste contexto, compreender os elementos fundamentais da narrativa — como enredo, personagens, ambiente e conflito — é o primeiro passo para dominar essa arte. Mais do que técnica, contar histórias exige sensibilidade, empatia e criatividade. Esta introdução é um convite para mergulhar no universo das narrativas e descobrir como a arte de contar histórias continua tão viva, atual e necessária como sempre foi.
Como justificativa para a escolha do tema, surgiu o interesse em realizar um estudo sobre a Contação de histórias infantis na educação infantil, uma vez que percebi a necessidade das crianças em “viajar” para um mundo imaginário e divertido.
Muitas crianças se apegam a dispositivos eletrônicos e acabam perdendo seu mundo mágico, crescendo, assim, em uma dura realidade. É bastante interessante que as crianças tenham acesso a histórias infantis desde cedo, pois isso contribui de forma significativa para o desenvolvimento da aprendizagem.
Este trabalho tem como objetivo sensibilizar

os leitores de literatura infantil sobre a importância de ouvir e contar histórias para o desenvolvimento da linguagem e socialização, bem como para despertar o interesse pelos livros e o hábito da leitura. A pesquisa bibliográfica e as experiências em sala de aula constituem a metodologia empregada. Há quem defenda que embalar os bebês ainda no ventre materno com a melodia da voz da mãe e a Contação de histórias ajuda a familiarizar

a criança com os mecanismos narrativos, além de promover a proximidade e o afeto associados ao ato de contar histórias.
De certa forma, essas ações já estão incorporadas às estratégias de formação de leitores. Além do que foi mencionado, é sabido que a história contada, seja por escrito ou oralmente, também nos possibilita aquisições em diferentes níveis. Isso significa que contar histórias para as crianças traz benefícios, pelo menos, nas esferas psicológica, pedagógica, histórica, social, cultural e estética.
Quando escutam uma narrativa, as crianças (e o público em geral) experimentam psicologicamente as ações, os desafios e os conflitos que a compõem. Essa experiência, por meio do empréstimo, a experimentação de modelos de ações e soluções propostas ao longo da história contribui significativamente para expandir o repertório de conhecimento da criança, tanto sobre si mesma quanto sobre o mundo.
E tudo isso contribui para a formação da personalidade! Quando a criança entra em contato com uma obra de arte, como a literatura, ela se envolve em uma atividade pedagógica, ainda que a narração oral ou o texto literário não tenha essa finalidade. Porém, como muitas vezes desejam os educadores e as instituições de ensino, essa vivência abrangente do "aprender" nem sempre é de fácil interpretação.

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

As constantes transformações na educação e a crescente preocupação em formar o aluno de maneira integral — ou seja, como um indivíduo autônomo, crítico e consciente de seu papel na sociedade — evidenciam a importância da leitura nos processos de aprendizagem. Isso se deve ao fato de que, por meio da leitura, é possível aprender a interpretar os diversos mundos que a literatura infantil oferece. Ao saber interpretar, o ato de criticar ocorre automaticamente.
A história aborda relações e circunstâncias reais em seu mundo fictício, que a criança não consegue compreender sozinha. Nesse cenário, a Contação de Histórias proporciona ao leitor, além do aspecto estético, o aspecto pedagógico, permitindo que ele desenvolva suas habilidades intelectuais sem a necessidade de montar e desmontar palavras ou decodificar símbolos. Essa aquisição de conhecimento pode ocorrer tanto por meio da audição — ao escutar uma história,

uma música ou uma poesia — quanto pela leitura, quando já possui essa habilidade. Oliveira (1996, p. 27), afirma que:

A literatura infantil deveria estar presente na vida da criança como está o leite em sua mamadeira. Ambos contribuem para o seu desenvolvimento. Um, para o desenvolvimento biológico: outro, para o psicológico, nas suas dimensões afetivas e intelectuais. A literatura infantil tem uma magia e um encantamento capazes de despertar no leitor todo um potencial criativo. É uma força capaz de transformar a realidade quando trabalhada adequadamente com o educando.

As palavras referendadas acima pela autora enfatizam a importância da Literatura Infantil na vida das crianças como leitores iniciantes, não apenas de maneira escrita – nos livros -, mas também de forma oral –por meio da Contação de histórias.
Então, quando a criança é apresentada por meio das práticas de contação de histórias, ao mundo das palavras por meio da literatura infantil e da maneira expressiva de contar histórias, de forma lúdica e prazerosa, participando do texto, da história, sentindo emoções, transportando-se para o mundo imaginário, sem distanciar-se do real, está

com certeza encontra sentido para as palavras, passando a ver que a leitura é mais do que ler um amontoado de palavras, é magia, é prazer, fantasia e realidade. (FINK, 2001, p. 17).

A Contação de histórias vai além disso; é tornar mágico o que pode ser considerado monótono na escrita, é saber conduzir a criança ao mundo da imaginação e trazê-la de volta ao mundo real. Portanto, para estabelecer essa conexão entre os fatores, o contador, primeiramente, precisa ser um bom leitor. Como o contador de histórias é um leitor ávido e tem um amplo conhecimento da Literatura Infantil, ele pode expressar seu amor pelos livros e estabelecer uma conexão significativa com o público por meio da leitura, utilizando novas técnicas para tornar a atividade de contar histórias mais interessantes. E, para isso, quem conta tem que criar o clima de envolvimento, de encanto... Saber dar as pausas, o tempo para o imaginário de a criança construir seu cenário, visualizar os seus monstros, criar os seus dragões, adentrar pela sua floresta, vestir a princesa com a roupa que está inventando, pensar na cara do rei e tantas coisas mais. (CORTES, 2006, p. 82).

O essencial é atuar como um contador de histórias, sem medos, sem dúvidas e, principalmente, com paixão pelo que se faz. Góes (1991) ressalta que a literatura proporciona deleite, entretenimento, instrução e educação às crianças.

Contudo, o prazer deve ser priorizado; caso contrário, a arte não será vista como literária, mas sim didática. Há um equilíbrio entre os dois extremos: o literário e o didático. Coelho (1987, p.25) sustenta que:
[...] como objeto que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, modifica a consciência de mundo de seu leitor, a Literatura Infantil é Arte. Por outro lado, como instrumento manipulado por uma intenção educativa, ela se inscreve na área da Pedagogia.

Apesar de pertencerem a uma sociedade sem escrita, eles mantinham as histórias transmitidas por seus parentes e se esforçavam para preservar essa tradição. Para aquela comunidade humilde, era uma atividade prazerosa, e cada pessoa tinha seu próprio jeito de contar. O encantamento pelas narrativas levou à formação de uma extensa corrente que se espalhou por todo o mundo.

Vários pesquisadores se engajavam nessa arte de ouvir e transcrever as histórias para depois contá-las. No Brasil, também a partir do século XIX vários escritores como Sílvio Romero, Mario de Andrade, Afrânio Peixoto, entre outros se destacavam com suas coletâneas. Entre os contemporâneos temos como exemplo, Ricardo Azevedo, Ana Maria Machado que passou a incluir as ilustrações para transcrever as histórias (FARIA 2008, p. 23).

Os livros voltados para as crianças eram na sua maioria escritos por professores, mas totalmente engajados nas práticas pedagógicas sociais e ao ensino de bons hábitos e eram considerados livros literários de baixo valor (Alves, 2002 – 2009).
Esses livros eram escritos em várias línguas geralmente vindos de escritores Europeus. Com o passar do tempo os professores perceberam a importância de se escrever uma literatura brasileira, com cara e valores nacionais, não bastava que o tradutor dos livros estrangeiros fosse brasileiro, mas que essa literatura tivesse sentimentos próprios de seu povo. Dentro dessa perspectiva destacavam-se vários escritores como: José Veríssimo e Olavo Bilac, como um dos "maiores exemplos da literatura escolar do Brasil" (SANDRONI, 1987, p.42).

Como consequência, os contos populares passaram a refletir o folclore brasileiro, a vida cotidiana e a imaginação dos povos africanos e indígenas. Segundo o narrador, as histórias começaram a se transformar, tanto as escritas quanto as orais, passando a ser interpretadas em forma de versos. (BRASIL, 2006, p. 48)
As histórias têm um papel fundamental no crescimento psicológico, cultural e intelec-

tual da criança, funcionando como um meio de conexão entre o mundo real e o imaginário, além de promoverem maneiras de interpretar as situações da vida e um exercício constante de aprender a ouvir, compreender e, posteriormente, expressar o que foi assimilado.

Ao selecionar uma história para contar, o mediador deve se envolver com ela; em outras palavras, "Viver a história significa percorrer seus cenários e estar rodeado por suas imagens" (Ribeiro 2001, p75). Assim, ele poderá compreender a história e inventar os personagens de forma livre antes de começar a contar, com o intuito de incentivar e ajudar no crescimento da imaginação e da habilidade de falar da criança.

Enquanto a criança ouve a história, seus olhos exploram as ilustrações, que instantaneamente conferem novos sentidos ao momento descrito, estimulando a imaginação e uma compreensão mais profunda dos acontecimentos. Cada criança formará suas próprias imagens mentais, o que lhe proporcionará prazer ao escutar.

"A janela é, já que, uma técnica dos ilustradores para ampliar o espaço da narrativa, mostrando cenas diferenciadas e expressivas, ou fazendo o leitor" ver de fora". O que se passa dentro do cômodo em que acontece a história. E dá ao educador a oportunidade de conversar com as crianças sobre o que dizem esses dois espaços, ampliando a competência em leitura de imagem (FARIA 2008, p.50).

O sabor evoca tempos antigos e, mesmo com os avanços tecnológicos, sempre ouvimos uma história com renovado interesse e prazer. Todos, tanto adultos quanto crianças. Assim, o autor nos faz acreditar que a arte de contar e ouvir histórias está mais viva do que nunca. Embora haja avanços tecnológicos, o prazer de ouvir histórias contadas presencialmente nunca será substituído.

Nesse sentido, Sisto (2005) corrobora com Dantas (2010) ao destacar que a história a ser contado preciso contemplar um espaço lúdico, sem levar em conta o didatismo e a lição de moral: "mas quando a história contada vem em função de instaurar um espaço lúdico, ela pode gerar outro tipo de expectativa: não mais a da cobrança, mas a do encantamento" (SISTO, 2005: 03).

Assim, a arte de contar histórias no século XXI, envolve o resgate da ludicidade, sem a qual não há lugar para espaços de encantamento e desenvolvimento de pessoas. Nessa nova perspectiva, Weschenfelder (2003) ensina que:

Ler, escrever e contar histórias na era do terceiro polo do espírito humano- o polo informático midiático- pressupõe que o binômio professor-escola adote posturas teórico-pragmáticas que valorizem a inteligência coletiva, a polifonia, a interdisciplinaridade e a intertextualidade, posto que o novo ator da comunicação, agora ligado aos neurônios digita, já dividem o mesmo hipertexto numa situação inédita de interatividade e receptividade, em que todas as formas de vozes produzem o mega texto, produto de um empreendimento coletivo. (WESCHENFELDER, 2003: 37).

Falar sobre a arte de contar histórias na era digital exige uma mudança nas formas de aprendizado. É importante considerar que, desde o início do século XXI, crianças e jovens estão envolvidos em um universo imaginário criado pelas novas tecnologias, cujas produções culturais são veiculadas por meio do computador: Internet, DVD ROM, CD-ROM (com livros ilustrados e histórias narradas), entre outros. A destreza dos novos comunicadores ao utilizar o meio digital indica que as instituições de ensino e os promotores culturais devem considerar essa nova forma de linguagem. Não por sua presença, mas por ser um recurso fundamental e essencial no contexto educacional e cultural.

Benjamin (1985) indica que a criação da imprensa foi o elemento responsável pelo "declínio da narração". Nesse sentido, acredita que a narração de histórias está com os dias contados, pois os meios de comunicação,

aliados ao progresso tecnológico, estão se encarregando de enfraquecer sua importância. Conforme Benjamin (1985):

A cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. De acordo com o autor, "quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação" (BENJAMIN, 1985: 203).

Os contadores de histórias contemporâneos rompem com o paradigma do qual a narrativa presencial, segundo Benjamin (1985) está se extinguindo e que a figura do narrador "só se torna plenamente tangível" (BENJAMIN, 1985: 198) se estiverem presentes a imagem do camponês sedentário e do marinheiro comerciante. Nas palavras de Busatto (2006: 29):

O contador de histórias encontra-se inserido no contexto de uma cultura letrada, se apropria da escrita, da impressão e das novas tecnologias fazendo dessa arte, também, sua profissão. Frequenta encontros de narração oral buscando novidades na área, se prepara para a apresentação ajustando-se ao espaço físico e a um público específico.

A arte de contar histórias induz os ouvintes a enfrentar seus erros e a compreender seus próprios sentimentos. Em vista disso, a formação do leitor deve

ser pensada com base na sua relação com os aspectos culturais, ou seja, com os valores que lhe serve como referência.

Evidentemente, a obrigatoriedade da educação artística veio revestida de um discurso centrado no desenvolvimento individual dos educados, embasada num caráter técnico científico e com um planejamento rigoroso que escamoteava a crítica e a contradição. (SUBTIL, 2012, p. 127).

De certa forma, desde a lei n. 5.692/71, a prática artística foi obrigatoriamente incluída no currículo, o que garantiu à disciplina que temos hoje o seu espaço. No entanto, a autora destaca a questão da polivalência e da ênfase na expressão e comunicação impostas, deixando de lado,

CONCLUSÃO

A arte de contar histórias é uma poderosa ponte entre a fantasia e a realidade, despertando a imaginação e alimentando a criatividade desde os primeiros anos de vida. Ao narrar histórias, especialmente no contexto da Literatura Infantil, o contador de histórias não apenas transmite conhecimentos, mas também promove experiências emocionais, simbólicas e culturais que contribuem de forma significativa para o desenvolvimento cognitivo e afetivo das crianças.

A imaginação e a fantasia, nesse processo, não são apenas formas de fuga, mas ferramentas essenciais para explorar o mundo, resolver conflitos e construir sentidos. Contar histórias, portanto, é mais do que entreter: é um ato de arte, de educação e de humanização.

Primeiramente, contar histórias ajuda a formar o leitor; depois, usa a magia da Literatura Infantil como ferramenta para começar a jornada da leitura desde a infância.

O sucesso nesse aspecto depende da relevância da voz, das pausas, da variação rítmica, da interação entre narrador e ouvinte e do impacto que a narrativa pode causar em quem escuta.

Todos esses fatores têm o poder de despertar o interesse das crianças pela leitura. Sempre buscando entender os interesses das crianças em relação às histórias em cada faixa etária e as fases de desenvolvimento do leitor em que a criança se encontra. Assim, ao introduzir uma prática tão envolvente quanto a narração de histórias, acredita-se estar contribuindo de forma significativa para mudar o panorama preocupante da qualidade da leitura no Brasil, incentivando o

leitor em potencial ou iniciante. São privilegiados aqueles que entendem que o futuro da humanidade depende de como educamos e preparamos as crianças que nos são confiadas.

Logo, é fundamental contar histórias de maneira expressiva para incentivar o início da leitura, de modo que o ouvinte se sinta atra-

ído e interaja diretamente com elas. Ao entrar em contato com livros infantis, a criança aprende sobre si mesma, sobre os adultos e sobre como viver em sociedade, sem precisar abandonar seu mundo infantil cheio de descobertas, magia, brincadeiras e fantasia. No âmbito educacional, as leituras realizadas em sala de aula eram voltadas às práticas pedagógicas, continuando a ser assim. Entretanto, é responsabilidade do professor que media as histórias repensar essas ideias e transformar esses momentos em algo mais significativo. Que as palavras possam ecoar em sua sala de aula de forma prazerosa e significativa para você e para quem as escuta, criando uma ligação entre o que está sendo ensinado e a beleza de uma boa história.

REFERÊNCIAS

BUSATTO, Cléo. Contar e encantar: pequenos grandes segredos da narrativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

. A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: 1ª a 4ª série. Brasília: SEF/MEC, 1997.

BRASIL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO Fundamental. Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (Profa). Janeiro – Ministério da Educação, 2001.

BRASIL, Secretaria de educação à distância. Práticas de leitura e escrita/ Maria Angélica Freire de Carvalho, Rosa Helena Mendonça (orgs.). Brasília: Ministério da Educação, 2006.

CORTES, Maria Oliveira. Literatura Infantil e Contação de Histórias. Viçosa – MG, CPT, 2006.

FARIA Maria Alice. Como usar a literatura infantil na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2008.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, (orgs.). 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. P. 135 150.

LEVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: ed. 34, 2000.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. Leitura Prazer: Interação Participativa da Criança com a Literatura Infantil na Escola. São Paulo: Paulinas, 1996.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. Educação Infantil: Fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2008.

SANDRONI, Laura. De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas. Rio de janeiro: Agri, 1987.

WESCHENFERDER, Eládio Vilmar; Burlamaque, Fabiane Verardi. Bando de Letras: nem campesinos, nem marinheiros. In:

. Leitura dos espaços e espaços da leitura. Passo Fundo: UPF, 2009.

. Contar histórias: vozes contagiantes da narrativa presencial. In

: Questões de literatura para jovens. Passo Fundo: UPF, 2005.